doi:10.20396/revpibic262018579

XXVI Congresso de Iniciação Científica Unicamp
17 a 19 de outubro Campinas | Brasil

Que blocos afro são esses na cultura afro-brasileira soteropolitana? Uma reflexão sobre as atuações política, social e cultural em Salvador

Gustavo Reis de Araujo*
Orientador: Prof. Mário Augusto M. da Silva

Resumo
O projeto de iniciação científica pretendeu elaborar um histórico político-social dos blocos afro atuantes no carnaval e na agenda política da cidade de Salvador. Teve-se a pretensão de entender historicamente a construção desse modelo estético, administrativo e político o qual chamamos de blocos afro, norteados pela questão: quais os elementos que caracterizam esses blocos afro? À luz da análise de suas atuações no carnaval soteropolitano e em seus bairros de origem, a partir da perspectiva das produções de estéticas negras e da revisão bibliográfica em torno da ideia de *baianidade.*

Palavras-chave:
Blocos afro; Baianidade; Relações Raciais na Bahia;

Introdução

O objetivo da pesquisa foi em dar continuidade a elaboração do histórico político e social dos blocos afros Ilê Aiyê, Olodum, Malê Debalê. E junto a isso, expandiu-se os estudos sobre a produção cultural afro-brasileira, seus modos e contribuições na discussão sobre as relações sociais racializadas no Brasil e também contribui-se para a expansão da bibliografia acerca dos estudos sobre a "ideia de Bahia" ou *baianidade.*

Resultados e Discussão

Os resultados obtidos seguiram o desenvolvimento de três chaves de reflexão, as quais orbitam em torno de: a) revisão bibliográfica sobre a ideia de *baianidade*; b) a presença da baianidade em meio à produção dos blocos afro; e c) cultura e política nos blocos afro.

Sobre o primeiro ponto, entende-se que o termo *baianidade* refere-se a um conjunto de elementos que deram vida a "ideia de Bahia", os quais nascem, sobretudo, devido a três fatores: primeiro, a importância histórica da cidade de Salvador como primeira capital do Brasil; segundo, devido ao grande contingente de europeus, negros e indígenas que coexistiram nessa região do país; e terceiro, a utilização da Bahia como "amostra" perfeita do processo de harmonia racial e exemplo maior do êxito da miscigenação das três raças no Brasil.

Já o segundo ponto traz a discussão sobre a contraposição dos blocos afro em relação ao discurso hegemônico de *baianidade,* em que a principal expressão disso é o Concurso Deusa do Ébano do Ilê Aiyê e sua valorização e construção da beleza da mulher negra a partir de outras referências que não sensualidade, hipersexualização e exotismo.

E por fim, para as reflexões em torno da conexão entre cultura e política, utilizou-se a obra de Hall, para se entender os blocos afro como grupos que *embaralham* os elementos políticos e sociais a partir da centralidade da cultura com a qual trabalham, e assim, reivindicam melhorias para seus bairros de origem, para as populações negra e periférica, à medida que são mediadores dessas populações junto ao Estado.

Figura 1. Artes que representam os blocos afro Ilê Aiyê, Malê Debalê, Olodum e Muzenza, respectivamente

Conclusão

Foi possível compreender o conceito de *baianidade* como uma construção discursiva ideológica, cuja propagação mobiliza ações, construções estereotipadas, dentre outros elementos que orbitam em torno da concentração de poder, seja ele econômico, político, social, cultural e simbólico. Onde a cidade de Salvador se tornou a principal arena de disputa na criação das mais diversas "ideias de Bahia".

Agradecimentos

Agradeço a minha família, baiana de origem e costumes, por todo o apoio. E ao professor Mário A. Medeiros pelas longas e intensas reflexões que contribuíram no desenvolvimento deste trabalho.

MAIA, Rita; LIMA; Dete. "A beleza negra do Ilê Aiyê" in Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê: Ilê Aiyê – 40 anos. Editora Neoplan, Salvador – BA, 2014, pp. 203 – 248.

MARIANO, Agnes. A invenção da baianidade. São Paulo: Annablume, 2009.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 22, no. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

(cc) BY-NC-ND